

---

# OS MORTOS MEXICANOS SÃO DE *METAL*: identidade juvenil forjada em dois processos de comunicação.

Yadira Robles<sup>(\*)</sup>  
Rodolfo Robles<sup>(\*\*)</sup>

As manifestações juvenis dos dias atuais adquirem cores múltiplas, graças à diversidade de estímulos socioculturais que a globalização oferece, distanciando-se em muitos casos, das culturas regionais que durante séculos se estabeleceram no local. No que concerne à identidade, o assunto multiplicou seus efeitos a tal ponto, que se chega a priorizar o estrangeiro e distante, em detrimento do local e cotidiano.

Neste sentido, homens e mulheres jovens estabelecem espaços sociais para deflagrar suas próprias significações. A música, dentre outros elementos culturais, age como um dos produtores simbólicos mais destacados na valorização de espaços vigentes, porque sustenta ao grupo social, satisfaz inquietudes individuais e proporciona um marco coletivo que lhes representa.

É necessário conhecer o processo comunicativo nos quais diferentes jovens combinam a identidade tradicional com os elementos simbólicos que lhes são propostos a partir dos diversos espaços instaurados pelas indústrias culturais, onde se fundem todos os tipos de significados que reinterpretam constantemente e constroem culturas e identidades híbridas.

Neste terreno, o presente artigo remete ao tipo de identificação que apresenta a um jovem mexicano da Zona Metropolitana de Guadalajara, autodefinido como metaleiro, à cultura mexicana tradicional.

Entende-se aqui que a identidade de um indivíduo está condicionada pelas relações sociais que expande e pelas mensagens que interioriza de todos aqueles agentes sociais geradores de sentido, que foram relevantes durante seu desenvolvimento. É um processo ontologicamente comunicativo porque durante seu desenvolvimento, prevalece uma convivência permanente entre emissores, receptores e mensagens, o que permite ao sujeito do estudo construir-se e reconstruir-se de maneira contínua.

Abordar o tema da identidade a partir da trincheira da comunicação, não equivale a evitar contribuições de outras ciências como a sociologia e a psicologia. Pretende-se construir um

---

<sup>(\*)</sup> Universidade de Guadalajara; Centro Universitario de La Ciénega. Universidade do Vale de Atemajac, Jalisco, México. E-mail: y.roblesi@univa.mx.

<sup>(\*\*)</sup> Universidade do Vale de Atemajac, Jalisco, México. E-mail: roca.torres@gmail.com.

---

enfoque, de tipo multidisciplinar, que coadune a linha tanto de José Carlos Lozano (1996), quanto a de Miquel Moragas (1981), seja único e capaz de interpretar a realidade social tomando valiosas contribuições que só outras ciências podem gerar, sem contrariar a especialização.

### **A JUVENTUDE COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL**

No trabalho investigativo ao se falar da juventude, tende-se a ressaltar o empírico em vez de construir-se um aparato teórico capaz de interpretar e analisar a partir de múltiplos enfoques às manifestações juvenis (BRITO, 1998); muitos estudos se viram limitados ao conceber a participação juvenil, aos jovens e à juventude como entes naturalmente definidos.

Convém estudar a juventude, como a inserção social dos que atravessam justamente uma etapa fisiológica, para converterem-se em agentes reprodutores dos significados que dão forma a uma coletividade concreta. Tais significados que em algum momento tiveram uma incidência representativa, fazem-nos ser quem são.

Ao exercer o labor científico nestes tipos de manifestações humanas, como pretende Pierre Bordieu (1990), pode ser possível a partir do que se depreende de um objeto real ou físico, e não somente quando se considera este como único foco de atenção. Por isso a juventude é, também, um fato eminentemente social.

De acordo com números do Instituto Nacional De Estatísticas e Geografia (INEG, 2005), no país existem 27.177.008 pessoas entre quinze e 29 anos de idade, o que equivale a pouco mais de 26% da população total. Esta informação permite entrever que para a compreensão da heterogeneidade de estilos e costumes do vasto setor juvenil, se requer aparatos teóricos capazes de explicar situações concretas, a partir do processo de construção social no qual participam os jovens cotidianamente.

### **O MOVIMENTO METALEIRO: CONTEXTO E DENOMINAÇÃO COMO SUBCULTURA**

A origem deste movimento está intimamente ligada a aparição e propagação de um gênero musical na Inglaterra do final dos anos sessenta, que originalmente se denominou *Heavy Metal*.

Atualmente este gênero musical é conhecido como Metal. Segundo o antropólogo canadense Samuel Dunn (2005), a mudança de nome se deveu ao notório incremento de sua oferta cultural através dos tempos. A complexa ramificação musical que tem o Metal, encontra seu centro em

---

elementos comuns: ritmos potentes através de guitarras distorcidas, baixos realçados e uma bateria de pedal duplo.

A aceitação imediata pelos jovens aos finais dos anos sessenta, despertou a inconformidade de grupos conservadores que consideraram o Metal como incentivador de vandalismos, violência, promiscuidade, rituais satânicos, consumo de drogas, inclusive suicídio; preconceitos, que subsistem ainda em alguns lugares.

Este grupo definiu, muito cedo, espaços de interação social, apesar do repúdio inicial. Desde a década de sessenta aos dias de hoje, tavernas vazias, bares clandestinos, reuniões privadas, concertos e festivais têm sido cenários sociais onde a música e seus artistas se destacam como o eixo fundamental desta expressão, a dos metaleiros.

A relação entre o metaleiro e a música é estreita, a ponto de influenciar ideias, comportamentos, vestimentas e vocabulário. Como exemplo, podemos notar o caso da banda inglesa Judas Priest, já que foi a primeira a instaurar e promover uma aparência distintiva e básica para todo metaleiro aos finais dos anos sessenta, e que abriria precedentes para grupos posteriores: jeans estampados, camisetas negras ou com símbolos alusivos a outras bandas, jaquetas de couro, cabelos compridos, assim como correntes e botas. Já não se tratava apenas de moda, mas sim de um modo de vida.

A evolução musical do gênero, ligada às possibilidades sonoras conseguidas através da tecnologia, determinou a dinâmica social de seus seguidores. Um momento chave, foi o período conhecido por The New Wave of British Metal (A Nova Onda do Metal Britânico), em meio aos anos oitenta, que consistiu no renascimento do gênero; para ver-se logo em seguida reduzido, com o surgimento de novas propostas como o Punk, a pressão social de grupos conservadores e por uma nova geração que já os desconhecia.

A nova “onda” trouxe brigas entre seus seguidores e grupos musicais. A atenção ao gênero, fez com várias bandas fossem absorvidas pelo sistema comercial musical e se conseguisse uma certa aceitação social; logo, era possível ver bandas metaleiras fazendo comerciais de rádio e televisão, promovendo produtos diversos. Por outro lado, existiam as bandas que optavam por desenvolver-se em cenários independentes.

Esta polaridade levou vários jovens a questionar a essência do movimento metaleiro, pois consideravam que muitos grupos só exploravam o aspecto comercial; e não, como uma plataforma contestadora. Os partidários das bandas comerciais, frequentemente se enfrentavam em disputas,

---

brigas mesmo, sobre qualquer motivo com grupos opostos, situação que não mudou muito desde então.

A partir daí os seguidores do “metal” segmentaram-se de acordo com seus gostos musicais, sendo que alguns deles consideravam-se como alternativos; enquanto alguns preferiam uma proposta social e comercialmente aceita, outros escolhiam uma que tivesse característica contestadora, ou então, recorriam aos clássicos do gênero. O metal já tinha uma certa visibilidade e aceitação social, independentemente da direção que se tomasse. Isso se traduziu em espaços sociais maiores: centros de entretenimento, fóruns musicais, teatros, apresentações nos meios de comunicação, lojas, bares, entre outros.

Falar de subgêneros metaleiros, significa focar em temáticas concretas: seus seguidores não se limitam apenas a escutar as músicas ou a dialogar com outros sobre elas, vários se vêm no processo criativo a partir das características que cada subgênero possua. Dentre os mais populares, atualmente, se podem mencionar: *Trash Metal*, caracterizado por um som mais potente e de crítica política; o *Death Metal*, enfocando a violência e ao satanismo; o *Black Metal*, com direcionamento ao paganismo e ao culto de Satanás em um contexto mais obscuro; o *Power Metal*, que opta por paisagens épicas de beleza e coragem; o *Metal Progressivo*, centrado na capacidade dos músicos e na duração das canções; o *Doom Metal*, que usa tempos melódicos mais lentos e temas mais ligados à melancolia; e o *Metal Gótico*, que gosta de misturar música clássica com vozes femininas.

A expansão internacional que teve o metal como gênero durante a última década do século XX e começo do atual, facilitou ao surgimento de comunidades metaleiras juvenis centradas na propagação e reforço simbólico de sua presença social. O metal foi adotado em outros contextos sociais e geográficos apesar da barreira linguística que possa representar, ocorrendo em muitos casos, uma revalorização de seus conteúdos. No aspecto musical, os grupos de vários subgêneros, cada um com uma temática definida, costumam ser similares quanto ao tipo de instrumentos utilizados, o que os faz diferentes é a maneira de usá-los e locais onde se apresentam.

Socialmente, os jovens seguidores do metal estabelecem espaços de interação. Costumam relacionar-se a partir de seus conhecimentos musicais e de informação geral sobre suas bandas prediletas; pode haver maior afinidade entre os partidários de um mesmo gênero e recusa ao que gostam em outros. Também ocorre de metaleiros gostarem de vários subgêneros ao mesmo tempo, e não darem atenção à classificação dos mesmos.

---

É de notar sua atividade na internet, pois instauram amplas redes sociais para comentar sobre artistas metaleiros, organizar concertos e apresentações, compartilhar música, exteriorizar seus pontos de vista, e inclusive para escarnecer ou apoiar a outros metaleiros.

Pode-se reconhecer ao movimento metaleiro em primeiro lugar como um agrupamento de tipo contracultural. Manuel Fernández (1999) afirma que estes grupos necessitam de um reforço das identidades individuais em uma fronteira coletiva, que os dote da segurança necessária para confrontar os esquemas gerados no interior do grupo, com os da sociedade hegemônica em um espaço determinado. Esta confrontação costuma ser direta a favor de outras alternativas de vida ao discurso hegemônico. A experiência contracultural costuma ser radical e antagônica, se encontra em busca de sua instauração em relação à maioria.

Sem querer restringir o debate entre a definição de contracultura e subcultura, é preciso ressaltar que os metaleiros dessa pesquisa foram classificados dentro do segundo grupo, levando em consideração o enfoque de Karl Heinz Hillman (2001), que estabelece que os grupos subculturais são aqueles que podem conviver com o discurso dominante, sem a necessidade de implantar-se sobre ele, confirmando a pluralidade que distingue as sociedades atuais.

Em alguns países se poderia conceber a comunidade metaleira como uma experiência contra-cultural, devido a incidência que teve nos grupos juvenis em relação a maioria social; entretanto, em casos parecidos aos de jovens da Zona Metropolitana de Guadalajara (ZMG), seu desenvolvimento não chega a desafiar diretamente a ordem social, o que permite compreendê-los mais como uma expressão subcultural, segundo o enfoque de Hillmann (2001).

Os entrevistados além de se identificarem como metaleiros, são jovens que também se definem enquanto filhos de famílias, estudantes e trabalhadores. Convivem com o discurso hegemônico em certos momentos, enquanto em outros interagem com seus similares.

Sua condição subcultural ou contracultural em alguns casos, permite entender a reação que outros grupos têm em relação ao movimento. Alguns setores sociais que desconhecem esta manifestação juvenil, costumam ser resistentes a aceitá-la, o que leva aos jovens metaleiros a fortalecer seus espaços de encontro e reconhecimento com seus iguais.

## **OS ESTUDOS DE IDENTIDADE, JOVENS E COMUNICAÇÃO**

A natureza da questão identificada ao que se refere a jovens, identidades e processos de comunicação se compõe de três linhas temáticas: a) meios eletrônicos, jovens e campo de estudo da

---

comunicação; b) análise de identidade e campo de estudo da comunicação; e c) comunicação, ciência sociais e minorias.

Na primeira linha é notória a conceitualização que se usou sobre a juventude a partir da comunicação, já que a variável da idade foi usada como eixo repetidamente, sem levar em consideração o componente simbólico da juventude. Trata-se de trabalhos que abordam o impacto, consumo e percepção dos meios no setor juvenil, realizados por Martha Renero (1997), Gabriela De la Peña (1998), assim como Ramiro Caballero e Rosa Pineda (1999).

As propostas teóricas trabalhadas em nesta linha revelam diferentes estudos que refletem sobre as preferências e os consumos midiáticos (GARCIA CANCLINI, 1983; PICCINI, 1993; NIVON BOLAN, 1993); recepção e imaginários sociais a partir dos meios de comunicação (COATSWORTH Y RICO, 1989; ZUNIGA, 1992; BAYLE, 1989; BELTRAN; FOX, 1980; DORFMAN; MATTLART, 1978; LOZANO, 1989; MORRIS, 1985); e os usos e relações que se estendem às audiências com os meios de comunicação massiva, em neste caso com a televisão (MORLEY, 1983).

Na segunda linha de antecedentes se reúnem aquelas linhas de investigações nas quais se aborda o processo constitutivo da identidade com base nos meios de comunicação. Começado o século XXI, a área de comunicação começa a estudar estes fenômenos embora não de forma generalizada. Identificaram-se os trabalhos de Armando Ibarra (1998), Aimeé Vega (2005), Marlene Choque (2004) e Francisco Javier Cortázar Rodrigues (2002).

As propostas teóricas se sustentam em reflexões sobre a construção da identidade em contextos socioculturais determinados e os fatores em que neles incidem (MARTIN BARBERO, 1987; MEAD, 1934; SANCHEZ RUIZ, 1996; MANDOKI, 1992; GIMENEZ, 1997; OROZCO, 1992; GARCIA CANCLINI, 1995; LULL, 1992; HABERMAS, 1987; HALL, 1990; GOFFMAN, 1981; LIAPIANSKI, 1992; GIMENEZ, 2000; DERRIDA, 1981); a recepção de conteúdos oferecidos pelos meios de comunicação e as mediações que surgem durante este processo como constituintes da identidade na vida cotidiana (OROZCO, 1996; LULL, 1990; JENSEN, 1987; MORLEY, 1986; MARTIN BARBERO, 1990; BOURDIE, 1990; GIDDENS, 1987; SILVERSTONE, 1996).

Também aquelas que apontam as implicações do discurso (BAJTIN, 1982; BENVENISTE, 1999; AUTHIER, 1981; DUCROT, 1984; ARCHUF, 1987; CHIRICÓ, 1987); a internet, a comunicação eletrônica e a expressão escrita com sua incidência nas relações sociais (QUÉAU, 1995; NEGROMONTE, 1996; RUSHKOFF, 2000; WEBB, 1999; PARAVEL, 1998; HALL, 1990;

---

DYSON, 2000); e finalmente sobre as implicações da tecnologia em âmbito como o da política, história e sociedade (DERY, 1997; WOLTON, 1999; BRETON, 2000; FLICHY, 1991; MATTELART, 2001; DUPUY, 2002).

A área do estudo de comunicação nesta década, começa a ter uma atração maior por abordar a sedimentação de identidades culturais nas sociedades contemporâneas, sua relação direta e prioritária com meios eletrônicos continua mais que latente.

A terceira linha de antecedentes alude ao caráter multidisciplinar que ostenta a pesquisa, pois reúne diferentes estudos realizados a partir de diferentes áreas como a sociologia, a antropologia e a etnografia. Os trabalhos reunidos denotam atrativas aproximações científicas no que diz respeito às identidades juvenis, onde a presença do fenômeno comunicativo é detectável. Identificam-se pesquisas de Juan Carlos Murrugarra Cerna (2001); Laura Stella Parra Spitia (2005); Porfírio Miguel Hernandez Cabrera (2001); Mario Moraga Gonzalez e Hector Solorzano Navarro (2005); Cupatitzio Pina Mendoza (2003); e Rogélio Marcial (1934).

A plataforma teórica que apoia esta linha aborda propostas sobre o papel que tem a cultura, a produção e consumo cultural nas alternativas ao discurso hegemônico e construção de identidades (GARCIA CANCLINI, 1977; BOURDIEU, 1997; EDWARD SAID, 1989; GUILLOT, 1997; CUBIDES, 1998; REGUILLO, 2000; FILARDO, 2002; VEGA, 1999); o tratamento dessas expressões em salas de aula (Rodriguez, 2000); assim como a relação entre auto estima e processos formativos identitários, tanto como suas implicações na comunidade lésbico-gay (GONSIORREK, 1995; HAMMERSMITH; WEINBERG, 1973; FARREL E MORRIONE, 1974; JACOBS E TEDFORD, 1980; HERDT, 1992; CUCO, 1996).

Valorizam-se também as premissas teóricas nas quais se reformula a posição do sujeito, onde aborda-se sua expressão desde o contexto em que a protagoniza, enfatizando também seu aspecto emocional, além do racional (GIDDENS, 1995; TOURAINE, 1997; MAFESSOLI, 1990; GIMENÉZ, 2002; LINDON, 2000); a configuração e inter-relação das chamadas tribos urbanas (DUARTE, 2002; MARGULIS, 2000; ZARZURI; GANTER, 2002).

A revalorização do conceito de juventude tem uma parte destacada, vista mais como um constructo social (FEIXA, 1998; REGUILLO, 1998; DIAZ, 2002; BORDIEU, 1990; BRITO, 2000; VALENZUELA, 1997); sua configuração identitária em sociedades contemporâneas (GARCIA CANCLINI, 1989; BORJA, 1991; VALENZUELA, 1998; BOURDIEU, 1990; HABERMAS, 1989; BARTRA, 1990; BERMAN, 1988; HELLER; FEHER, 1989; REGULLO, 1991); e finalmente, a incidência do processo identitário (VAZQUEZ, 1993; GOFFMAN, 1986; GERMANI, 1971;

---

GINGOLD, 1982; FERNANDEZ, 1991; CRUZVILLEGAS, 1992; GIMÉNEZ, 1991; VILLERAS, 1995; ERICKSON, 1985; UMBRIA, 1982).

Como se pode notar os estudos sobre a juventude e as identidades se tornaram cada vez mais relevantes. Saber que a partir da comunicação desdobramento da capacidade do indivíduo para gerar, valorizar, assimilar, reestruturar significados em contextos de ação, só ou coletivamente, nos mostra um caminho de investigação que pode gerar informação relevante, sem ter como centro os meios massivos.

### **SUPORTE TEÓRICO PARA ENTENDER A SUBCULTURA E A IDENTIDADE MEXICANA**

A sociedade mexicana se pode compreender a partir do paradigma do *interacionismo simbólico*; trata-se de um sistema complexo de significados, no qual os indivíduos interagem através de uma linguagem comum em um marco normativo determinado. A participação em práticas diversas gera o surgimento de expectativas concretas, compartilhadas, e inclusive encaminhadas ao cumprimento de certo cânones.

Este enfoque desenvolvido durante o século XX (COOLEY, 1909; MEAD, 1934; apud DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1983), entende que cada integrante deste complexo sistema social gera um marco de referência próprio que o permite definir sua maneira de ser e sua compreensão do mundo como cenário de ação, o que em outro termos poderia se definir como identidade.

O metaleiro por si mesmo, igual a outros indivíduos, fez uma reformulação de todos os significados predominantes ao seu redor com aqueles que vai gerando a partir dos círculos pessoais nos quais foi se desenvolvendo. Esse processo de assimilação desdobra o espaço no qual o indivíduo fortalece padrões cognitivos e de comportamento, motivado pelo que Albert Bandurra (1977, apud DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1983) chama de *modelos*.

Um *modelo* oferece estruturas de ação diante de circunstâncias específicas. Uma pessoa consegue assimilar um modelo quando se identifica com sua proposta ideológica ou comportamental, pois a considera conveniente ou eficiente dada as circunstâncias nas quais atua. Bandurra (1977) estabelece que uma aplicação satisfatória do modelo fará com que o indivíduo identificado com ele, o reforce ao ponto de convertê-lo em um hábito que o dote com os elementos necessários para desdobrar-se socialmente.

Os modelos seguidos pelos indivíduos em seus processos identitários não são somente aqueles que vêm dos meios de comunicação, mas também do que resulta das relações interpessoais.



---

Ser consciente de si mesmo e do seu ambiente, é possível graças ao tipo de relações sociais que experimenta o indivíduo.

O processo de configuração de identidade concebido como um processo comunicativo, tem de acordo com Jorge Larrain (2001) três aspectos consideráveis. *Primeiro*, o reconhecimento individual perante uma marcação coletiva condicionada por aspectos como: religião, gênero, classe socioeconômica, sexualidade, profissão, preferências de todo tipo ou nacionalidade. *Segundo*, a identificação coletiva de uns e outros com base nestes elementos comuns; a participação em práticas sociais e o consumo de produtos industriais culturais, também consolidam a esta autoconcepção eleita. *Terceiro*, a reafirmação própria diante da consciência de que outros diferentes existem.

As relações humanas tomam um papel significativo devido ao qual se fundem como provedores de significados que por sua vez encorajam posturas sociais. Tais relações se podem classificar de maneiras variadas. Ferdinand Tonnies (apud DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1983) as divide em duas.

A que chama de *Gemeinschaft*, que responde a vínculos por demais transcendentais, nos quais os indivíduos se relacionam a partir de uma relação mútua e significativamente agradável. Pode-se notar que o metalheiro expande com seus similares estes tipos de vínculos. O mesmo acontece com aqueles que se encontram próximos, tais como familiares, professores e amigos.

A que é conhecida como *Gesellschaft*, é aquela que leva o indivíduo a tentar uma convivência em comunidade sem necessidade de conectar-se significativamente, tratando-se mais de um acordo entre duas pessoas cujo propósito é satisfazer a ambas. O metalheiro mantém relações deste tipo quando vê a necessidade de conseguir algum produto e necessita interagir com quem vende, quando está na escola e convive com seus companheiros de trabalho; ou simplesmente, quando pega um ônibus e interage com quem esteja ao seu redor.

Vale a pena retornar essa formulação teórica que remonta ao final do século XIX, quando se experimentavam notórias transformações sociais por causa da Revolução Industrial, pois as condições atuais podem ser concebidas a partir de seus postulados, o que leva a refletir sobre a sua validade quanto às condições humanas a que se refere. Independentemente dos avanços tecnológicos, políticos, sociais e econômicos daqueles tempos aos dias de hoje, percebe-se como estes tipos de relações constituem a sociedade, já que os indivíduos se encontram imersos nesta classificação e no pragmatismo político, por que mantém relações de um tipo ou de outro com as mesmas pessoas.

---

Neste sentido, a teoria da diferenciação social, formulação que surgiu a partir dos trabalhos de Comte, Spencer, Tonnies e Durkheim dos finais do século XIX e princípio do século XX (DE FLEUR; BALL-ROKEACH, 1983) permite entender que o grupo dos metalheiros, igual a muitos outros, seja do tipo religioso, acadêmico, social, econômico, artístico, cultural, esportivo e os demais, se faz de um espaço de explosão simbólica único, cujos resultados culturais preparam ao melhoramento da vida humana de modo que cada grupo desenvolve uma área diferente.

O estudo do processo identitário foi abordado a partir de diversos enfoques. Os estudos da Escola de Genebra (Deschamps, Doise, Mugny e Pérez) o entendem como a colocação do grupo social no indivíduo, seguindo a proposta do interacionismo simbólico e as teorias do aprendizado simbólico e as teorias do aprendizado social, desenvolvidas no século XX por Jean Piaget e Serge Moscovici (FERNÁNDEZ, 2003).

A Escola de Genebra estabelece diferentes aspectos-chave para definir perfeitamente os processos identitários. *As condições sociais e afetivas de formação de grupo*, que dão um registro coletivo para soluções individuais; *as regulações de conflito*, quando compreende condições favoráveis de aprendizagem social; e *a marcação social*, quando implica em fatores que determinam e moldam o aprendizado.

Larrain (2001) afirma de acordo com a postura interacionista, que a identidade é um produto social que tem a capacidade de abrigar a multiplicidade de expectativas e significados em um ser coerente com suas ações, evidenciando além disso, a existência de uma coletividade.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa que dá origem a este artigo é do tipo qualitativa e pertence ao grupo dos estudos descritivos.

A técnica empregada para recolher informação foi a de entrevista de profundidade, que por sua natureza facilitou a interação com os protagonistas deste fenômeno. Os reativos do instrumento se formularam a partir das premissas que compõem os referentes teóricos nos quais se apoiou a investigação, tendo como resultado trinta perguntas.

A entrevista foi aplicada a sete pessoas, seis homens e uma mulher. A questão de gênero não foi condicionante para esta pesquisa, apesar da presença masculina neste campo juvenil, prevalecer.

A seleção de entrevistados se realizou através do site Myspace, na internet, um site aberto desde 2003 que desenvolve redes sociais, de maneira virtual, a partir de páginas pessoais ou perfis que se interconectam entre si. Proporciona uma série de serviços que se atualizam regularmente

---

como: gerar rede de amigos e grupos; compartilhar blogs, fotografias, vídeos, música, correio eletrônico e mensagens instantâneas.

A seleção dos candidatos foi feita através de um “buscador” interno do próprio site, que selecionou uma amostragem de pessoas entre os vinte e 24 anos, radicadas na Zona Metropolitana de Guadalajara, em particular nos municípios de Guadalajara, Zapopan, Tiaquepaque e Tonalá.

Um requisito importante foi corroborar sua identificação com o movimento metaleiro; e para isto, se especificou ao buscador que os perfis mostrados evidenciassem a preferência pela música, artistas e grupos metaleiros.

Ao delimitar a busca, prosseguiu-se com a revisão de cada um dos resultados. Foram enviadas cinquenta solicitações de amizade àqueles perfis com fotografias e as características mencionadas anteriormente; em conjunto, fez-se chegar através do correio do site, uma mensagem na qual era solicitada uma entrevista presencial, em local e data que eles mesmos decidissem.

Os jovens entrevistados se reconhecem como metaleiros e declaram pertencer à este segmento juvenil. Coincidem entre si que o *metal* é um estilo de vida para eles. A questão de diferentes ramificações na cultura metaleira não foi levada em consideração para se eleger os possíveis candidatos.

O entrevistador não pertence a esta forma de expressão juvenil e se viu a necessidade de criar-se um perfil no Myspace, com intenção específica de contatar esses jovens. A resposta pôde ser da mesma maneira, através do serviço de mensagens do próprio site.

Para definir fisiologicamente uma pessoa jovem, considerou-se a categoria usada pela ONU, Organizações das Nações Unidas, 1985, em todas as suas pesquisas. Este órgão internacional define como jovens aqueles dentro da seguinte categoria: o adolescente, dos treze aos dezenove; e o adulto, dos vinte aos 24 anos.

Das solicitações enviadas somente dez foram aceitas; e feito os primeiros contatos com os entrevistados, determinou-se a data e o lugar para a entrevista, cuja duração era de mais ou menos duas horas. Decidiu-se fazer somente sete entrevistas, pelo fato das informações obtidas apresentarem muitas semelhanças entre si, chegando por alguns momentos quase à redundância. Pelo zelo científico adotado, pode-se dizer que a informação chegou a saturar-se.

De acordo com Japice Morse (2002), a saturação de informação indica a capacidade do investigador para estipular que os dados conseguidos até um certo ponto, são os suficientes para prosseguir-se com as próximas etapas do processo investigativo, ou seja, quando a informação não

---

esteja indicando algo diferente do obtido até então. Esta estratégia de verificação surge diante da necessidade de outorgar validade e confiabilidade à pesquisa.

Uma vez transcrita a informação das entrevistas, estabeleceram-se diversas linhas temáticas para sua organização. Foram detectadas 72 categorias distintas, onde cada uma aborda aspectos particulares sobre os processos comunicativos detonadores de identidade, nos quais se via o jovem metaleiro.

Para organizar tais categorias obtidas pelos metaleiros e as premissas teóricas, se construíram três blocos para agrupá-las. Miguel Romero (2006) vê na categorização, um processo de construção de conhecimento no qual se misturam operações intelectuais específicas, cujo propósito é compreender a realidade a partir de todos os enfoques possíveis.

Categorizar a informação facilita então, assimilar o sentido profundo das coisas para determinar sequências, cronologias, ordens e tipologias.

O primeiro bloco se intitula *O Metaleiro, no individual e no coletivo*, no qual se analisam as razões que levaram o jovem a se identificar com o *metal* e a experiência de seu sentido coletivo. O segundo bloco, *O Metaleiro e a identidade mexicana*, se analisa a percepção do jovem a respeito da cultura tradicional e o grau de identificação que possa existir com a mesma. Finalmente em *Recepção e emissão de mensagens no reforço da identidade juvenil*, aborda-se o papel que desempenhou as mensagens socializadas por diferentes agentes sociais no processo de construção identitária, uma vez que a identidade esteja consumada no *metal*.

## **RESULTADOS**

A premissa da qual partiu a investigação considera que esses jovens, membros de uma sub cultura, se encontram longe dos preceitos da cultura mexicana tradicional por que não puderam satisfazer suas necessidades e expectativas pessoais ou mesmo, por que desconhecem aspectos fundamentais da mesma.

Durante a infância, os jovens metaleiros estiveram expostos a diversas séries de mensagens, sendo as que fomentam a cultura mexicana tradicional as mais presentes naqueles contextos socioculturais nos quais se desenvolveram, tais como suas casas e escolas.

A partir de seu contato com diferentes significações, em particular as *metaleiras* e a mexicana tradicional, o jovem estabeleceu referenciais concretos que ao tomar consciência sobre sua identidade se mostraram decisivos para definir-se como pessoa, consolidando de formas

---

cognitiva e comportamental a partir de sua experiência de vida, a proposta ideológica, cultural e social que considerou mais conveniente e atrativa.

Tem-se claro que o processo de construção identitária implica no desenvolvimento gradual do ser humano desde a sua infância, já que a pesquisa centrou-se no resultado de tal processo, ou seja, quando o sujeito sabe quem é e tem capacidade de construir-se socialmente.

Para estabelecer a vinculação entre estes dois processos comunicativos, geradores cada um de identidades concretas (mexicana tradicional e metaleira), tomaram-se as festividades e costumes tradicionais como fatores de referência; a partir da identificação que o jovem metaleiro apresentasse ou mostrasse diante deles se pôde instaurar sua relação com o que fosse mexicano. Não foram definidas festividades e costumes específicos, deixando por parte dos entrevistados as alusões ou referências que tivessem delas.

Levando-se em consideração o suporte teórico da investigação, pode-se pensar que as festividades e costumes da cultura tradicional reforçam as cargas simbólicas que lhe dão forma e sentido graças ao emprego de práticas culturais específicas. Estas práticas tem presença em todo grupo social, reafirmam o processo comunicativo identitário e determinam sistemas de socialização.

Os resultados da investigação científica realizada, apontam uma série de conjecturas que permitem conhecer por partes, a explicação deste objeto de estudo.

Como primeira conjectura encontra-se que a música toma um papel preponderante no processo de assimilação e reforço de modelos ou significações. Para os metaleiros, é o que alimenta seu campo de expressão. Por isto se pode supor que para obter a efetividade de um discurso dado, integrado por modelos específicos, se pode recorrer à música como um canal transcendente. No caso dos metaleiros, a música conseguiu ultrapassar as barreiras cognitivas até enraizar-se no que concerne aos sentidos.

(Gerardo, 22 anos): Para mim, ser metaleiro é uma paixão pela música, por uma música que é totalmente diferente das demais, que tem uma grande qualidade comparada com outros gêneros, também por sua questão ideológica. Acima de qualquer coisa é um estilo de vida, não é uma moda nem nada, é uma atitude.

(Daniel, 20 anos): Eu gosto do *metal*, começando por seu modo de pensar, pela atitude, pelo pensamento e filosofia, sou metaleiro por que no *metal* encontro tudo isto.

(Araceli, 23 anos): A roupa não faz o metaleiro e sim a música, que guia a ideologia das pessoas, não as roupas; conheci metaleiros que se vestem como qualquer pessoa, te dizem por que gostam da música e o que lhes transmite cada canção.

---

Pode se pensar que todas aquelas cargas de mensagens que ostentam a música, conseguem obter maior contundência em certos grupos, que como o metaleiro, a tomam como ferramenta expressiva do conjunto ideológico segundo o qual se entendem e se agrupam. Através da música, os processos de socialização encontram um eixo relevante dentro desta manifestação juvenil, pois partilham de um espaço de identificação e apego mútuo, de modo que independe da diversidade artística e ideológica.

(Maiden, 20 anos): Para mim o ser metaleiro é algo muito bonito, é uma irmandade, é saber quem você é, saber o que se tem, que pode se ver um camarada( wey) na esquina e dizer: “Ah! Este camarada gosta de tal banda!”, é um tipo de rebelião, onde você coloca seu ponto de vista.

(Daniel, 20 anos): O que eu gosto, é que se pode encontrar pessoas com um mesmo modo de pensar, que se analisaram, que podem ter uma conversa bastante legal, que podem ser compatíveis com as suas (conversas).

Tudo isto leva a pensar que o distanciamento do jovem metaleiro em relação à cultura tradicional, está ligado invariavelmente ao fator música. O *metal* consegue ter maior influência pelos temas abordados e a maneira que os apresenta, próprias do contexto em que vive o jovem, o distanciando da maneira como a cultura mexicana se expressa.

(Roberto, 24 anos): Um metaleiro compõe-se de sentimentos fortes, de poder, é uma pessoa que não está apagada, é uma pessoa que gosta de se balançar, o cabelo desganhado, cara, como sentir uma tremenda energia, querer gritar, brincar, fazer um tremendo barulho com uma música, de querer explodir com uma música. Parece que isto, para mim, é ser metaleiro, é a parte fundamental.

(Miguel, 24 anos): Sinto que à cultura mexicana lhe falta sinceridade em muitos aspectos, em muitas, muitas coisas. Por isso o *metal* me chama a atenção, para mim é um dos seus pontos mais fortes.

(Araceli, 23 anos): Eu gosto das letras das músicas, algumas falam de como se sente um pessoa ao ser deixada por outra; fala de como nós, os jovens, sofremos. Ajuda a refletir um pouco sobre as coisas, esta é a repercussão da música sobre mim.

(Maiden, 20 anos): O *metal* fala da realidade, cara, do que está acontecendo.

O contato íntimo que o indivíduo desenvolve com o *Metal* é facilitado pela capacidade flexível que o aparato ideológico metaleiro tem; graças aos tons universais que prega, o jovem pode adaptá-lo às suas circunstâncias sem que se perca a essência que o constitua. O contrário ocorre com as práticas culturais mexicanas, já que mostram maior rigidez para adequar-se às perspectivas destes jovens.

(Maiden, 20 anos): Ao metal não interessa estar bem com os demais, lhe interessa mesmo é estar satisfeito consigo mesmo, e isso é o que me basta; é algo bem sincero. Muitas vezes me dizem: ‘não faça isso, não faça aquilo!’, então eu escuto e analiso, mas faço o que eu quiser; por isso, me sinto muito bem no *metal*, é o gênero onde encontrei honestidade, fico por aqui mesmo, não preciso mudar.

---

(Daniel, 20 anos): O *metal* quer dizer: sacuda-se, mova-se, sacode suas ideias, acabe com os preconceitos, se mude se não gosta de seu país, suas crenças, religião, sacode e muda tudo isso. Só o que importa é agir, isso é o que dizem suas letras; e por isso, a sua música é muito, muito boa.

A resignificação que alguns metaleiros fazem do folclore mexicano, de acordo com seus códigos, não promove em sua totalidade nem a identidade mexicana, tampouco a metaleira. Alguns metaleiros recusam a esta hibridação; no entanto, é o mais próximo a uma identificação gestada a partir dos jovens sobre a cultura mexicana. Esta fusão não considera elementos tradicionais, apenas o que diz respeito às culturas pré-hispânicas, sendo evidente no subgênero musical chamado *Metal Morte Pré-hispânico*.

(Daniel, 20 anos): Eu gosto muito da cultura ancestral, toda a grandeza que existiu das civilizações, conhecida inclusive a nível mundial, me faz sentir todo orgulhoso de meu país. Toda essa coisa dos Maias e seus avanços. Dos Aztecas, meus respeitos, super guerreiros.

(Maiden, 20 anos): Os Aztecas eram uns tremendos caras! Identifico-me por que eram guerreiros e muito poderosos. Não sei muito sobre eles, mas sei que foram grandes, demais e civilizados.

(Daniel, 20 anos): Aqui surgiu o *Metal Morte*, ou seja, um *metal* pré-hispânico, que tem sons precisamente pré-hispânicos. Tem porrada, confusão e todas essas coisas. Mictlán é o nome de um grupo que chegou a tocar muito, inclusive na América do Sul e outras partes do mundo. O autêntico é o que de melhor existe na cultura mexicana e o legal, é que se faz uma mistura maneira com o metal.

Considerar as culturas mesoamericanas aponta, ao final das contas, a outras cargas simbólicas e não à mexicana propriamente dita. O que se entende por mexicano, é o resultado da mistura entre a cultura espanhola e as indígenas nos tempos coloniais. A identificação que o jovem metaleiro faz com as culturas mesoamericanas, deve-se ao fato de destacarem figuras nas quais se vejam refletidos, como os guerreiros e intelectuais astecas e maias.

O metaleiro também encontra este senso de pertencimento com a cultura mexicana, quando percebe que na música *metal* exalta-se um certo nacionalismo ou quando grupos musicais que gostam, usam elementos culturais mexicanos.

(Miguel, 24 anos): Ser mexicano para mim é tudo, é uma bandeira para mim, cara; gostaria de fazer uma banda metaleira mexicana. Autêntico, por isso apoio ao *Transmetal* e as bandas que vejo que são fortes por aqui.

(Daniel, 20 anos): Tem uma banda na Alemanha que se chama *Therion*, que nada tem a ver com México, porém imagine, que de alguma maneira, até lá chegou o que seja a cultura mexicana, que eles têm uma canção que se chama *Quetzalcóatl* que fala do calendário maia e sua profecia.

(Gerardo, 20 anos): Tem uma banda que se chama *Brujeria* (*bruxaria*). Esta sim que tem muito a ver com México, por que todo seu linguajar é político, é muito bom o que fazem. Tem uma canção *Matando*

---

*Güeros* (Matando os louros), muito racista em relação aos gringos e tudo. A coisa fala de “Matando güeros ao estilo Pancho Villa”.

A segunda proposta assinala que a experiência social do metaleiro resulta determinante, para que possa se identificar ou não como mexicano. Ao ver-se como parte de uma minoria social, com uma alternativa ideológica diferente e, por vezes, antagônica ao discurso dominante, determina maneiras concretas de ação com os outros que não sejam metaleiros. Regularmente, denota sempre uma postura defensiva a tudo que não seja metaleiros e mostra-se até mesmo, hostil.

(Roberto, 24 anos): Eu sou intolerante com a intolerância, acredito que deva existir uma diversidade, acredito que cada pessoa é alguma coisa diferente, somos “pequenas criaturinhas do universo”. Aqui a banda metaleira, somos mais conscientes de tudo isso.

(Daniel, 20 anos): Todos podemos ser mexicanos, mas somos muito diferentes. Eu não gosto destes reguetoneros (de um tipo de música, o Regueton) muito latinos, por que não têm esta mentalidade de respeito. São babacas até entre eles mesmos, sempre nos acham feios e para eles sempre estaremos mal.

(Gerardo, 22anos): Vivemos em um mundo de hipocrisias, me incomodam as famosas “baratas de templo”, sim; estas senhoras, que passam o dia inteiro batendo no peito. Estas são o verdadeiro lixo da sociedade.

(Araceli, 23 anos): Nós somos respeitadores, esta é a nossa grande diferença com a sociedade. Nós respeitamos os outros! Se as pessoas se dessem a oportunidade de nos conhecer melhor, respeitariam o que somos.

(Gerardo, 22 anos): Eu repudio a sociedade e toda essa coisa de cultura mexicana por causa do conformismo, cara. O mexicano é bem conformista, tudo importa, vive de acordo com a maioria pensando “vivo em um país seguro economicamente, só quero ter meu emprego e não quero crescer por que assim está bem, cara”; me parece bundão e humilhante não querer aspirar a mais.

(Maiden, 20 anos): As pessoas se deixam levar por qualquer coisa, que qualquer um diga; se falam alguma besteira, todos os bobões vão atrás. Do modo como pensam, cara, nem as mães pensam assim.

Esta compreensão sobre quem é e o papel que tem na sociedade, o permite entender que invariavelmente para o discurso oficial terá um estigma negativo por que contraria os elementos socioculturais aceitos, o que determinará sua característica como diferente.

(Miguel, 24 anos): Sempre tem problemas com a polícia; nem tanto com as pessoas, mas às vezes sim. Já me chamaram de “louco do quarteirão”, “o diferente do quarteirão”, inclusive até de satânico.

(Maiden, 20 anos): Não somos maus, eu não sou mau, muito menos egoísta; pelo contrário, se vejo que posso te ajudar, eu faço, mesmo que digam “aí vai um drogado” ou mesmo, “veja, um cara que não vale nada”.

(Araceli, 23 anos): Não falta quem te chame de qualquer coisa ou que te persiga, “veja! adora ao diabo!” e também fazem hora com a tua cara.



---

Como terceira proposta, acredita-se que a distância identitária entre o jovem e a cultura mexicana tradicional, é produto da ineficiência de alguns agentes e contextos sociais na difusão daqueles modelos direcionados a reforçar seu aparato cognitivo como mexicano, já que não se mostraram atrativos quando o sujeito era pequeno durante a formação de sua identidade.

(Daniel, 20 anos): Me incomoda que certas festividades patrióticas, tenha um palavrório bem superficial, é um tal de falar por falar, e inclusive a música que se toca também superficial; pura bobagem, com letras que falam de problemas sérios do México, como o narcotráfico.

(Gerardo, 22 anos): Esses dias as pessoas pensam somente em farrear, mas realmente nem sequer sabem por que se celebra esse dia, ou seja, há pessoas que pensam que a Revolução foi feita por Miguel Hidalgo, cara; e a independência, Zapata.

(Daniel, 20 anos): Me parece estúpido que quando seja o aniversário de Benito Juárez, as pessoas não trabalhem e pior ainda, não lhes importa o que fez, nem sequer sabem o que fez, só aproveitam o dia, por que lhes convém.

(Araceli, 23 anos) No ensino fundamental, se muito, se incubem que tenhamos cultura mexicana e que nos sintamos mexicanos, porém te obrigam a participar de festivais cívicos. Me fizeram dançar, em um feriado da Revolução, como Adelita. Não gosto de fazer coisas que não queira.

(Roberto, 24 anos): Essa coisa de, na escola, ter que cantar o hino me incomodava muito. Não gosto que me façam de soldadinho, não sou soldado.

O papel da escola, neste sentido, é criticável pois os professores não enfocaram seus esforços em estimular uma atitude de apego cívico e cultural ao mexicano. Uma demonstração disto pode recair no limitado conhecimento que estes jovens têm da história mexicana. É mais interessante para eles uma atitude, do que um nome ou data, e já durante as entrevistas mencionaram personagens com Miguel Hidalgo, Josefa Ortiz de Dominguez ou Benito Juárez, não pelos seus nomes, mas pelas ações pelos quais são conhecidos.

(Araceli, 23 anos): Me faz sentir orgulhosa de ser mexicana que um rapazote e uma senhora tiveram a audácia para dizer “nem por sua mãe!” Estão me ameaçando? Agora que vai ameaçar somos nós!

(Daniel, 20 anos): Eu gosto que tenha havido presidentes com um modo de pensar muito legal, como o deste tipo que disse que o respeito ao direito e tudo mais.

(Roberto, 24 anos): Me diz muito o que fizeram vários camaradas pela história, sem eles não teríamos nem como caminhar pelas ruas.

Outro fator que pode ter influenciado este distanciamento, talvez seja a incompetência do emaranhado simbólico do mexicano tradicional diante da diversidade de estímulos presentes no aspecto social. Seu impacto pode estar sendo minimizado, quando os modelos de outras formulações culturais se coadunam mais às características próprias dos grupos humanos, que integram as sociedades.

---

Como quarta proposta, é de notar que o jovem metaleiro é capaz de reconhecer certo apego à cultura tradicional. Isto pode ser possível quando toma consciência daquelas experiências ou situações que foram e são agradáveis; enquanto não as rememora, prossegue com firmeza o discurso metaleiro, que o constitui em grande medida. Sua identificação não é total nem absoluta, e na maior parte dos casos, só é um gosto ou proximidade conseguidos através do discernimento.

O metaleiro se assume como mexicano quando pode ver-se nos outros diferentes contextos que lhe são por demais conhecidos: reuniões familiares, celebrações populares, feiras tradicionais e inclusive, quando fala de gastronomia.

(Araceli, 23 anos): Minha mãe falava da Virgenzinha de Guadalupe e tudo isso. As raízes e a educação se adquirem dentro de casa. Para estas coisas a família influi muito.

(Roberto, 24 anos): Desde pequeno me lembro que botávamos a camisa da seleção e assistíamos ao jogo na televisão, uma partida de México, sentávamos, gritávamos e toda essa confusão.

(Evan, 20 anos): As pessoas são tipo, “por que a vizinha, a tia, a comadre, o papai, a mamãe, fulana e beltrana”. Os mexicanos têm muito apego aos que são da família, é muito próxima esta parada.

(Maiden, 20 anos): Então, aqui no México, a mania familiar, cara, é forte, é muito da família te dizerem: ai meu menino! Eu gosto de ver quando vem Tia Maria, La Santa Maria! Dona Cuca, o cumpadre Juan, mais Juanito, Pedrito, Dona Chuchy. Ah, é tão legal isto! Sobretudo quando mamãe me põe o prato de ensopado! Maravilhoso! Adoro! As comidas mexicanas são as melhores do mundo!

Como quinta proposta, é de se notar que a assimilação do que é ser mexicano em cada um dos entrevistados, toma maior relevância quando fazem referência a uma festividade tradicional específica. As práticas realizadas no que se conhece como o Dia dos Mortos, assim como a razão filosófica que as acompanha, satisfazem às duas construções subjetivas que dão forma a sua identidade. Ao encontrar nela elementos que o identificam e o satisfazem dentro da cultura metaleira, como são a temática obscura e certa fixação com a morte; reforçam ao mesmo tempo, seu apego e sentido de pertencimento a esta tradição.

Com o Dia dos Mortos, o metaleiro consegue ver-se refletido nos demais que não sejam como ele, já que incorrem em ações não comuns para o cotidiano mexicano, mas sim para a cultura metaleira. A carga simbólica que se difunde nesta festividade, baseada no tema que trata, as ações que requerem e os nexos sociais que instaura com os demais, produzem harmonia com a bagagem cultural que o faz ser quem é.

(Daniel, 22 anos): Eu gosto dos Dias dos Mortos, isto sim que eu gosto, acredito que seja uma das poucas coisas, senão a única, eu gosto por que ao menos um dia, as pessoas estão sendo obscuras, ou seja, me refiro aos que estão indo a saudar a um familiar que já morreu, vão à sua tumba, e isto é um ambiente tétrico. Imagina este cenário em um dia normal, de que uma família está sobre uma

---

tumba. Não sei, as pessoas têm um culto diferente, já que somente por este dia não têm medo de relacionar-se com os mortos ou com este tema tão obscuro para muitos nos outros dias do ano. Eu me identifico com este dia, com as tumbas, com os mortos, e o melhor que as pessoas o aceite, as confusões para colocar as bandeirinhas, gritar, essas coisas, é só pela bagunça.

(Gerardo, 22 anos): Eu gosto do Dia dos Mortos, me parece legal, embora tenha gente que não o saiba apreciar, como se não lhe dessem o devido valor, inclusive têm muito que dizem “Vamos farrear!”

(Roberto, 24 anos): Eu gosto do Dia dos Mortos, me parece uma forma legal de se recordar dos nossos caídos (mortos), me parece muito legal tudo isso, cara. O negócio é vê-lo com muito humor, como uma forma de diversão, a qual os mexicanos veem dessa forma.

Esta celebração dá conta das duas cargas simbólicas selecionadas para este estudo. O metaleiro alcança a concepção mais alta de sua forma de ser mexicano quando vê nos outros, nos diferentes, mas ao mesmo tempo seus iguais, o emprego de figuras ou elementos culturais similares ao da cultura do *metal*. Pode-se dizer que as cargas simbólicas dos dois processos comunicativos orientados a identidades claras, se misturam para entrar em um campo simbólico, que permite ao jovem exaltar ambas.

## CONCLUSÕES

O processo identitário que encontra forma no jovem metaleiro revela antes de tudo que sua identificação com o modo tradicional mexicano, encontra um nexos relevante ante todos aqueles elementos que detonam poder e força; assim mesmo onde encontra uma resposta a seus diferentes vazios, como respeito, amor, admiração e reconhecimento.

Sua identificação com o passado pré-hispânico e com os indígenas atuais, a quem consideram marginalizados do sistema imperante, representa a noção do que vivem e sentem individual e coletivamente.

A culminação dos processos comunicativos identitários que dão forma ao jovem metaleiro e mexicano, conseguem equilíbrio quando pode ver-se refletido com os que cotidianamente o rechaçam e temem, na celebração do Dia dos Mortos. Os discursos de ambas expressões se ajustam, ao ponto de se autodefinir mexicano e metaleiro ao mesmo tempo, sem considerar as diferenças ou discrepâncias entre uma expressão e outra.

O jovem termina com esse vazio no momento que ao participar de forma inclusiva naquele contexto majoritário que também se abre a sua expressão particular. O ser humano geralmente, longe de o colocar em uma cultura ou outra, pode compreender-se a si mesmo a partir de sua posição atual; se bem que seu passado o condicione, é no presente que pode fazer uso, através de

---

seu próprio raciocínio, de tudo aquilo que escolhe para identificar-se ou definir-se, enquanto não o leva em consideração, praticamente continua com a referência identitária majoritária, com a qual a consciência se conduz.

O indivíduo é capaz, então, de reelaborar os significados que em sua história presenciou e com os quais continua em contato em seu ambiente. Posiciona-se através de um complexo processo de comunicação em um espaço simbólico cômodo, com o qual tenta elucidar sua própria existência.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. *La juventud no es más que una sola palabra*. México: Grijalbo; CNCA, 1990.
- BRITO, R. *Hacia una sociología de la juventud. Algunos elementos para la deconstrucción de un nuevo paradigma de la juventud*. Última Década. Revista del Centro de Investigación y Difusión Poblacional de Achupallas, Viña del Mar Chile, n. 009, 1998.
- CABALLERO, R.; PINEDA, R. *Consumo y exposición de adolescentes a los medios masivos de comunicación*. Comunicación y Sociedad. DECS, Universidad de Guadalajara, n. 35, 1999.
- CHOQUE, M. La construcción de identidades colectivas, los usos del 'nosotros' en los discursos mediáticos de audiencias populares en la ciudad de La Paz, Bolivia. *Anuario de investigación de la comunicación XI*. Consejo Nacional para la Enseñanza y la Investigación de las Ciencias de la Comunicación, 2004.
- CORTÁZAR, F. *Chicanos y mexicoamericanos en tres comunidades electrónicas*. Comunicación y Sociedad. DECS, Universidad de Guadalajara, Nueva Época, n. 2, 2004.
- DE FLEUR, M.; BALL-ROKEACH, S. *Teorías de la comunicación de masas*. 1era edición. España: Paidós, 1983.
- DE LA PEÑA, G. *Del imaginario internacional de jóvenes regiomontanos*. Comunicación y Sociedad. DECS, Universidad de Guadalajara, n. 33, 1998.
- DUNN, S.; SCOT, M.; FELDMAN, S. (Productores). Dunn, S. (Director). *Metal: A Headbanger's Journey*. Warner Home Video, 2005.
- FERNÁNDEZ, C. *Psicologías sociales en el umbral del siglo XXI*. Caracas: Editorial Fundamentos, 2003.
- FERNÁNDEZ, M. *Diccionario de Recursos Humanos*. España: Ed. Díaz de Santos, 1999.
- HERNÁNDEZ, P. *La construcción de la identidad gay en un grupo de jóvenes de la Ciudad de México*. México: CIESAS, 2001.
- HILLMAN, K. *Diccionario enciclopédico de Sociología*. 2da. Edición. Barcelona: Herder Editorial, 2001.
- IBARRA, A. Recepción televisiva en tres familias de Guadalajara, primer acercamiento a su identidad tapatía. Comunicación y Sociedad. DECS, Universidad de Guadalajara, n. 33, 1998.
- II CONTEO POBLACIONAL INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA Y GEOGRAFÍA. [S.l.: s.n.], 2005.
- LA JUVENTUD Y LAS NACIONES UNIDAS. *Preguntas frecuentes*. Extraído el 20 de septiembre de 2007 de la world wide web: <<http://www.un.org/esa/socdev/unyin/spanish/qanda.htm>>.
- LARRAÍN, J. *Identidad chilena*. Chile: Lom Ediciones, 2001.
- LOZANO, J. *Teoría e Investigación de la comunicación de masas*. México: Longman, 1996.
- MARCIAL, R. Desde la esquina se domina, grupos juveniles: identidad cultural y entorno urbano en la sociedad moderna. México: El Colegio de Jalisco, 1996.
- MORAGA, M.; SOLÓRZANO, H. *Cultura urbana Hip-Hop, movimiento contracultural emergente de los jóvenes de Iquique, Chile*. Última década n. 23, Centro de Investigación y Difusión Poblacional, Valparaíso, 2005.
- MORAGAS, M. *Teorías de la Comunicación*. Estudios sobre medios en América y Europa. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

---

MORSE, J.; BARRET, M.; MAYAN, M.; OLSON, K.; SPIERS, J. Verification strategies for establishing reliability and validity in qualitative research. *International Journal of Qualitative Methods*, 2002.

MURRUGARRA, J. *La lucha por lo auténtico como fundamento de la estética de lo precario: una mirada al rock subte*. Debates de sociología, n. 28, Lina: Pontificia Universidad Católica del Perú, Dpto. Ciencias Sociales, 2001.

PARRA, L. *El movimiento juvenil de los Candy Kids en Bogotá, una mirada desde la historia oral*. Extraído de la world wide web el 16 de octubre de 2007 de: <www.dimensioneducativa.org.co/aa/img\_upload/.../El\_movimiento\_juvenil\_Candy\_Kids\_en\_Bogot.pdf>.

PIÑA, C. *Cuerpos posibles, cuerpos modificados, tatuajes y perforaciones en jóvenes urbanos*. México: Instituto Mexicano de la Juventud, 2003.

RENERO, M. La influencia de la televisión en la juventud es algo más que una ideología, aproximación cualitativa a las comunidades de significación familiar. *Comunicación y Sociedad*, DECS, Universidad de Guadalajara, n. 29, 1997.

ROMERO, M. *Desarrollo de habilidades filosóficas*. Guadalajara: Editorial CUCSH- U de G, 2006.

VEGA, A. *Construyendo puentes: la identidad de género de los jefes de familia y la recepción televisiva*. Comunicación y Sociedad. DECS, Universidad de Guadalajara, Nueva Época n. 4, 2005.

*Tradução: Nelson Santiago<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Nota de tradução: os depoimentos dos entrevistados, por conterem muitas gírias locais e específicas, foram adaptados da melhor maneira possível de forma a se encaixarem num ideário brasileiro.

---

## **RESUMO**

A configuração de identidades híbridas revela processos comunicativos nos quais o ser humano toma parte ativa para definir e interpretar seu ambiente, aos outros e a si mesmo de maneira constante. O jovem metalheiro vive entre dois processos formadores de identidade: o da cultura tradicional e da expressão metaleira; este artigo, refere-se ao tipo de identificação que se desenvolve com a cultura mexicana através de práticas socioculturais.

**Palavras-chave:** Identidade. Manifestações juvenis. Identidades híbridas. Metalheiros. Cultura mexicana tradicional.

*Recebido em março de 2013*

*Aprovado em abril de 2013*